

Alisson Augusto de Bastiani Favretto

**A MORTE NA VIDA DO SER HUMANO NA PERSPECTIVA DE
VLADIMIR JANKÉLÉVITCH**

Monografia de Bacharelado em Filosofia

Orientador: Prof. Dr. Clovis Salgado Gontijo Oliveira

Belo Horizonte
FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia
2023

Alisson Augusto de Bastiani Favretto

**A MORTE NA VIDA DO SER HUMANO NA PERSPECTIVA DE
VLADIMIR JANKÉLÉVITCH**

Monografia apresentada ao curso de Filosofia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Clovis Salgado Gontijo Oliveira

Belo Horizonte
FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia
2023

Dedico este trabalho aos nove mártires poloneses membros da Família Ulma (*in memoriam*), beatificada no último dia 10 de setembro de 2023. Eles doaram as suas vidas na tentativa de salvar a vida de oito judeus das mãos dos Nazistas.

AGRADECIMENTOS

A Deus Pai por ter me dado o dom da vida; ao Deus filho, que por sua morte fizeste-me viver; e ao Deus Espírito Santo que me suscitou o desejo de estudar a finitude humana.

Aos meus pais, Cesar Augusto Favretto e Marli Maria de Bastiani Favretto; aos meus irmãos Rafael Lautério de Bastiani Favretto e Natália de Bastiani Favretto; aos meus cunhados e sobrinho; avós, avôs, tios, tias, primos e primas, que, de maneira direta ou indireta, apoiaram e incentivaram o meu estudo na temática do *morrer*.

Aos meus irmãos da comunidade religiosa de Belo Horizonte – MG, às religiosas, aos religiosos, padres, leigos, leigas e, claro, ao grande Artífice da Caridade, São Camilo de Lellis que, de alguma forma, me inspiraram no desejo de estudar o tema da morte, para assim melhor servir e amar os irmãos moribundos.

A todos os docentes que já passaram pela minha vida e que, de modo significativo, foram exemplos por testemunharem e defenderem a dignidade da vida humana. Entre eles, de maneira especial, agradeço ao professor doutor Clovis Salgado Gontijo Oliveira pela orientação dessa monografia e à professora doutora Yara Carolina Campos de Miranda pelo auxílio na área da gramática em meus estudos.

A todos os meus amigos que me auxiliaram nos meus momentos de tribulação, celebraram comigo os meus momentos de alegria e colaboraram na elaboração deste trabalho. Sou grato aos meus amigos de classe com os quais produzi fecundos frutos acadêmicos.

Sou Aquele que vive
Jesus Cristo

RESUMO

Este estudo pretende compreender o conceito de *morte* na filosofia de Vladimir Jankélévitch, bem como analisá-la enquanto *presente-ausente* e em *potência* na vida humana. De antemão, o autor evidencia que há uma dificuldade em abordar esse assunto pelo fato de não existir uma fidedigna “ciência” sobre a morte, e o que se conhece sobre ela é, antes de tudo, o conhecimento da vida. O foco do filósofo francês não é constituir uma “ciência” sobre a morte com o objetivo de explicá-la, o que implicaria contradição interna. Contudo, em suas reflexões, Jankélévitch ainda é capaz de declarar algo sobre a morte, por exemplo, que ela é, ao mesmo tempo, presente-ausente, isto é, estamos, simultaneamente, nela e fora dela. Além de estarmos “dentro” da morte, a hipótese desta monografia é que a morte também estaria “dentro” de nós, ou seja, “dentro” da vida, segundo a perspectiva jankélévitchiana.

Palavras-chave: morte; vida; presente-ausente; impensável; morte em potência.

ABSTRACT

This investigation intends to clarify the concept of *death* in Vladimir Jankélévitch's philosophy, as well as to analyze it as something *present-absent* and *in-potency* in human life. The author emphasizes beforehand the difficulty of dealing with that theme by virtue of the lack of an authentic "science" of death, since all that is known about it is, above all, a knowledge of life. The philosopher's focus is not directed to build a "science" of death able to explain it, a procedure that would imply an internal contradiction. Nevertheless, Jankélévitch, in his reflections, can still state something on death, for instance, that it is present-absent at the same time, in other words, that we are placed, simultaneously, inside and outside of it. Besides the recognition that we are placed "inside" death, the hypothesis of this monograph is that death would also be inside us, that is, inside life, a hypothesis that seems to be grounded by the Jankélévitchian perspective.

Keywords: death; life; the present-absent; unthinkable, death in-potency.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 O CONCEITO DE MORTE EM VLADIMIR JANKÉLÉVITCH	12
2 O PARADOXO DA MORTE <i>PRESENTE-AUSENTE</i> NA VIDA HUMANA DE ACORDO COM O PENSAMENTO FILOSÓFICO JANKÉLÉVITCHIANO	16
3 A <i>MORTE EM POTÊNCIA</i> NA FILOSOFIA JANKÉLÉVITCHANA	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS	28

INTRODUÇÃO

Este trabalho de monografia tem como foco uma das obras do filósofo Vladimir Jankélévitch. O estudioso foi filho de Anna Ryss e Samuel Jankélévitch, ambos russos e judeus que, devido ao antissemitismo na Rússia, emigraram para a França à procura de qualidade de vida e respeito. Vladimir Jankélévitch, portanto, já nasceu em uma comuna francesa, chamada Bourges, no dia 31 de agosto de 1903. Seus pais trabalhavam na área da saúde como médicos, e seu pai foi tradutor de Hegel, Schelling, Croce e Berdyaev, tendo sido o primeiro tradutor de Sigmund Freud para a língua francesa.

Por influência de seu genitor, aos 19 anos, Vladimir iniciou os estudos no campo da filosofia na *École Normale Supérieure*, onde teve proximidade com o pensamento de Henri Bergson. Pouco tempo depois, Jankélévitch tornou-se professor no *Institut Français* em Praga, na atual República Tcheca, período em que pôde escrever a sua tese de doutorado em Schelling. Ao retornar à França, lecionou no *Lycée du Parc* de Lyon e em outras universidades de prestígio.

Por ser judeu e filho de estrangeiros, Vladimir Jankélévitch foi afastado da docência e passou a viver clandestinamente em Toulouse, durante a Segunda Guerra Mundial. Além disso, perdeu a sua nacionalidade francesa e, dessa forma, aliou-se à Resistência Francesa Antinazista. Após a guerra, foi nomeado à cadeira de Filosofia Moral da Sorbonne (LISCIANI-PETRINI; SCHWAB, in: JANKÉLÉVITCH, 2018, p. 15-20).

Foi em 1966 que o autor escreveu a obra *La Mort*, na qual reflete filosoficamente acerca do mistério e do fenômeno da morte. Além do seu reconhecimento no campo da filosofia, também se tornou renomado por suas reflexões estético-musicais. De fato, até hoje, as suas obras são conhecidas mundialmente por terem ligação aos temas da música e da moral.

Em *La Mort*, Jankélévitch traz a reflexão sobre a morte na vida humana. Por diversas vezes, o filósofo faz levantamentos por meio de questionamentos relevantes a respeito da finitude do ser humano. É perceptível a tendência existencialista presente nesses escritos visto que, em diversos momentos, o escritor investiga filosoficamente o problema da existência do indivíduo (JANKÉLÉVITCH, BERLOWITZ, 2021). Com mais de 55 anos, esse livro possui grande relevância nos estudos filosóficos voltados à tanatologia e à antropologia filosófica.

De fato, ao abordar a *morte presente-ausente* na vida humana, parece inevitável a predisposição em apontar tais áreas de estudo. A antropologia filosófica investigará a estrutura essencial do ser humano e tudo o que se deduz a partir dele; já a tanatologia buscará um conhecimento mais elaborado do fim da existência humana por meio da ciência da morte

(ABBAGNANO, 2007). *A priori*, cada uma dessas áreas do saber possui seu campo próprio de atuação, mas, em sincronia, podem elevar-se para uma meditação acerca da morte em toda a trajetória humana.

Nesse sentido, analisar a obra *La Mort*, de Jankélévitch, parece-nos fundamental por suas contribuições para esses diversos campos. Assim, buscamos, neste trabalho, alcançar o propósito de abordar uma das posições teóricas do pensador, expresso nesta assertiva: estamos ao mesmo tempo na morte e fora dela (JANKÉLÉVITCH, 2021). Portanto, a presente pesquisa se justifica na importância de analisar a dimensão da morte na vida do ser humano. Sendo esta uma realidade sobre a qual pouco se sabe, é importante refletir acerca do fato de que ela se faz como uma *presença-ausente*, uma composição paradoxal que é característica ao pensamento jankélévitchiano¹. Acreditamos, portanto, que Vladimir Jankélévitch, ao abordar essa dimensão, trará profundas contribuições para as discussões desta temática.

Ao decorrer de sua vida, um dos assuntos refletidos pelo filósofo mencionado foi a temática referente à morte. Autodeclarado agnóstico, o autor sustenta seu posicionamento filosófico por meio de suas obras, principalmente discordando das ideias da metafísica e das abstrações filosóficas que não possuem experimentação. Logo, quando trabalha o assunto da finitude, reconhece as limitações do pensamento diante do que foge inteiramente à experiência. Logo, quando trabalha o assunto da finitude, reconhece as limitações do pensamento diante do que foge inteiramente à experiência.

Nessa direção, para propor uma fidedigna meditação acerca da morte, Jankélévitch introduz o que poderia ser denominado como *a morte presente-ausente*. Segundo esta perspectiva, o ser humano está, ao mesmo tempo, dentro da morte e fora dela (JANKÉLÉVITCH, BERLOWITZ, 2021). Dessa forma, pode-se refletir que existe uma dualidade de dimensões humanas, isto é, a vida concreta no aqui e agora do tempo e espaço, e morte que virá.

Portanto, o presente trabalho tem como objetivo investigar a compreensão do filósofo Vladimir Jankélévitch referente ao assunto da morte na vida do ser humano, tendo como foco principal a obra *La Mort*, em sua tradução ao espanhol de 2002 (*La Muerte*), a qual foi publicada originalmente em francês no ano de 1966. A fim de alcançar este objetivo primário, buscaremos os seguintes objetivos secundários:

- a. Compreender o conceito de morte para Vladimir Jankélévitch;

¹ O pensamento de Vladimir Jankélévitch é composto por diversas proposições paradoxais presentes em suas obras, entre elas se destacam o *expressivo-inespressível*; *je-ne-sais quoi* (já-não-sei-que); *presente-ausente*; *o impossível-necessário*; *morte certa, hora incerta*; *órgão-obstáculo*.

b. A partir da reflexão *jankélevitchiana*, definir o conceito da morte como *presente-ausente*;

c. Refletir sobre a possibilidade de se conceber a morte como potência no interior da vida, a partir do pensamento do autor.

A monografia, assim, estrutura-se da seguinte maneira, em consonância com os objetivos elencados: no primeiro capítulo, apresentamos o conceito de morte em Vladimir Jankélévitch. Em seguida, no capítulo dois, tratamos do paradoxo da morte *presente-ausente* na vida humana, de acordo com o pensamento desse mesmo autor. No capítulo três, buscamos verificar a hipótese, que moveu inicialmente este trabalho, de que a morte se encontraria como potência na vida, também na reflexão jankélévitchiana sobre o tema.

1 O CONCEITO DE MORTE EM VLADIMIR JANKÉLÉVITCH

Para se falar de morte, é necessário, de antemão, abordar aquilo que antecede o evento *morrer*, isto é, a vida. Ao ser questionado por Daniel Diné na obra *Pensar la muerte*, referente aos problemas da morte e da vida, Jankélévitch afirma que a vida humana é uma grande linha que divide dois extremos: o nascimento e a morte (JANKÉLÉVITCH, 2017).

Em uma perspectiva cronológica, é óbvio que a vida antecede o fenômeno morte, e que o nascimento antecede a decorrência da vida. Isso é afirmado por Jankélévitch (2017, p. 12) ao dizer que “A vida humana começa com o nascimento e termina com a morte”. Ao estudar o evento *nascimento*, essa temática tende a se inclinar para os campos de anatomia humana e bioética. Isso porque são estas as ciências responsáveis por estudar a forma e estrutura dos organismos, bem como os direitos que prezam a totalidade da vida.

O filósofo (2017, p. 12), por sua vez, ao abordar o assunto do nascimento, traça elementos da finitude ao afirmar que “Quando ocorre o nascimento, a morte é um futuro distante”. De fato, existe um olhar filosófico sobre o tempo e espaço, e o ser humano não está perdido em um *cosmo* desprovido de existência, mas, sim, está inserido em um *aqui e agora*. Como seguidor das ideias de Bergson, o filósofo é explícito em afirmar que não há simetria entre nascimento e morte no transcurso temporal, isso porque a simetria só é válida no transcurso espacial.

Para ser mais preciso, Jankélévitch afirma que: “A vida é o tempo. O tempo não pode ser desdobrado em um espaço” (2017, p. 12). Nessa direção, o autor parece compreender que a vida humana faz parte do tempo a ponto de *ser* o próprio tempo, considerando que o ser humano é um ser temporal e que não está congelado ou estagnado. Assim, se o ser é um *aqui e agora*, certamente ele sempre estará longe do futuro, tanto quanto a sua morte. Porém, o futuro é um desdobramento do presente e, nesse sentido, ainda que a morte aparente estar longe, ela é o agora.

Em uma visão antropológica da vida humana, a obra *A Música e o Inefável*, de Jankélévitch, caracteriza a existência como “frágil, superficial e provisória” (2018, p. 180), tendendo ao nada. Assim, trazendo para esse contexto antropológico, é perceptível que o homem está inserido em um tempo e espaço que o forja como um ser débil e vulnerável.

Jankélévitch (2002) revisita a obra *Timeu* de Platão e *Física* de Aristóteles e, em consonância com ambas, afirma que a morte não possui um lugar próprio, mas, pelo contrário, é um pensamento espúrio. Ademais, em sua visão, a morte é apenas uma realidade

insuficientemente pensável, pois é impossível não pensar nela, visto que, mesmo que não se saiba o que ela é, não podemos evitar o pensamento do impensável.

Esse anacronismo dos pensamentos platônicos e aristotélicos refletido por Jankélévitch em relação ao *não pensamento* na morte faz com que ele levante uma questão ainda maior: “se a morte não pode ser pensada nem antes, nem durante, nem depois, quando podemos pensá-la?” (JANKÉLÉVITCH, 2002, p. 48). E é a partir desta pergunta que o filósofo refletirá sobre a morte ao longo da obra ora analisada.

Jankélévitch também observa que a meditação sobre a morte, mesmo que produza poucos resultados, é um tempo bem gasto, ainda que a reflexão final seja o *nada* (JANKÉLÉVITCH, 2002, p. 50). O filósofo cita algumas soluções normalmente utilizadas diante da impossibilidade de pensar sobre a morte:

ou pensar bem *sobre* a morte, acerca da morte, a propósito da morte; ou pensar em algo distinto da morte, por exemplo, a vida. A primeira solução afoga o problema no oceano das generalidades inofensivas. O eufemismo e a perífrase, como veremos, são, com relação ao indizível, o que é esta filosofia marginal com relação ao impensável: artísticos rodeios para evitar o tema. E, quanto à segunda solução, será realmente uma solução? Efetivamente, o conhecimento implica um objeto cognoscível, um *algo* (τ), um Mais ou modo de ser, ainda que esse modo de ser seja o não ser: pois o μή de que fala o *Sofista*, sendo distinto ao ser, é uma negação positiva. (JANKÉLÉVITCH, 2002, p. 51).²

Nesta citação, Jankélévitch demonstra duas soluções que normalmente são adotadas para lidar com a indizibilidade do evento morrer. O autor retoma que, por vezes, buscam-se as grandes respostas já existentes ao se tentar refletir sobre a morte, o que leva ao que o autor chama de um “oceano de generalidades inofensivas”, isto é, às diversas respostas, implicadas por pensamentos empíricos, que cercam as civilizações. Assim, mesmo que haja inúmeros novos questionamentos, existe uma tendência de se retornarem as reflexões para pensamentos generalizadores com relação à morte (JANKÉLÉVITCH, 2002, p. 51).

Mesmo que a concepção acerca de pensar a morte seja difícil, Jankélévitch evidencia que a morte compreendida como um acusativo do ato de pensar, sendo também objeto imediato de uma certa perspectiva, apresenta-se como “o complemento direto de uma operação transitiva chamada pensamento” (JANKÉLÉVITCH, 2002, p. 51). Assim, compreende-se que a morte é um não pensamento, porém ela é alguma coisa, mesmo que seja o nada. Ser *nada* é ser algo.

² No original: “o bien pensar en algo distinto a la muerte, por ejemplo en la vida. La primera solución ahoga el problema en el océano de las generalidades inofensivas. El eufemismo y la perífrasis, como veremos, son con relación a lo indecible lo que es esta filosofía marginal con relación a lo impensable: artísticos rodeos para evitar el tema. Y en cuanto a la segunda solución, ¿es que es siquiera una solución? Efectivamente el conocimiento implica un objeto cognoscible, un algo (τ), un Más o modo de ser, aunque ese modo de ser sea el no-ser: pues el μή ov del que habla el *Sofista*, siendo distinto al ser, es una negación positiva.”

Pois a morte é isso, é esse nada, é esse algo impensável, mas, ao mesmo tempo, é possível ser pensada e, inclusive, aproximadamente concebida, ainda que não seja de modo direto e conclusivo.

Vladimir Jankélévitch, ao destacar que o ser humano é um ser que não concebe o pensamento pleno, sugere que este viva por meio de recordações. Essas recordações citadas pelo autor fazem referência à positividade afirmativa da trajetória em vida de um morto, que continua vivo por conta da memória. Contudo, assim como o pensamento pleno é impossível, as recordações de um morto também sinalizam o imperfeito conhecimento da morte. Nesse sentido, o autor esclarece: “A obsessão da memória e dos hábitos talvez forneça o impossível caminho da reflexão” (JANKÉLÉVITCH, 2002, p. 52).

À vista disso, ao afirmar que o ser humano é um *ser* temporal e por conhecer a anatomia humana, Jankélévitch garante que, após um determinado tempo, e, mais precisamente, depois dos primeiros quarenta e cinco segundos sem irrigação sanguínea do tecido encefálico, a morte é irreversível (JANKÉLÉVITCH, 2017). No entanto, se por algum fator interno ou externo ocorra novamente o fluxo sanguíneo dentro da caixa craniana antes dos 45 segundos da última irrigação, como explica o autor, a vida pode subsistir.

Progredindo nessa perspectiva cronológica, Jankélévitch (2002, p. 17) acredita que a “morte é um fenômeno biológico, como o nascimento, a puberdade e o envelhecimento” (JANKÉLÉVITCH, 2002). Assim, em cada fase do desenvolvimento humano, ocorrem inúmeras alterações hormonais, psíquicas, espirituais e fisiológicas desencadeadas no indivíduo, até que se alcança um momento em que nenhuma alteração é mais possível devido à morte.

Abordando novamente a metodologia cronológica de compreender a morte, iniciada no nascimento, Vladimir Jankélévitch observa que o *ser mortal*, antes de ser um moribundo, é um *moriturus*³. A distinção entre os termos “moribundo” e *moriturus* é que a pessoa moribunda já está em um estágio no qual está prestes a morrer. Já a noção de *moriturus* advém do fato de que o ser humano, desde seu nascimento, está destinado a morrer em algum momento de sua trajetória de vida (JANKÉLÉVITCH, 2002, p. 95).

Em entrevista a sua então ex-aluna, Béatrice Berlowitz⁴ (2021), Jankélévitch ratifica que a morte é sempre um acontecimento repentino, independentemente do contexto interno,

³ O termo *moriturus* advém do latim. Em sua tradução ao português, faz referência ao que “tem vida curta”, “o que perece”, “o que está morrendo” (Cf. Portal da Língua Portuguesa, disponível em: <http://www.portaldalinguaportuguesa.org/advanced.php?action=lemma&lemma=169523>. Acesso: 30 de maio de 2023).

⁴ Béatrice Berlowitz é filósofa e foi aluna dileta de Jankélévitch, que lhe dedicou a obra *A Música e o Inefável*.

externo ou social do ser humano. O filósofo deixa claro que a morte, embora seja um fato esperado durante o ciclo da vida, é desobrigada de possuir um instante preciso para ocorrer. Assim, o autor afirma que o evento *morte* é algo súbito, repentino, surpreendente e que, mesmo havendo fenômenos plausíveis de que ela possa ser prevista, não há um momento certo, pois não há uma data e um horário marcado para que aconteça. Como diz o provérbio latino citado pelo filósofo ao longo de *La Mort, mors certa, hora incerta*. Logo, ninguém está preparado para morrer (JANKÉLÉVITCH; BERLOWITZ. 2021).

Guyton (2017) salienta que, em alguns campos das ciências, como na área da anatomia humana – em que é possível estudar os sinais da finitude do ser humano – não é correto afirmar que a morte está próxima da vida do sujeito. Mesmo que os sinais vitais da pessoa a encaminhem para um quadro de óbito – como a falta de saturação e oxigenação, dilatação da pupila, rigidez muscular, cianose nas extremidades dos membros, dificuldade na verbalização e cognição, entre outros –, isto ainda não é a morte, mas sim, a perda da funcionalidade dos órgãos.

Em direção similar, Jankélévitch, ao tratar sobre a eventualidade da morte na vida humana, parece convicto em afirmar que esse evento marcador da finitude é algo certo. O autor propõe, contudo, que, ainda que seja presente, a morte é imprevisível, pois não se sabe exatamente quando ou onde ela poderá acontecer. É como se cada indivíduo pudesse questionar: “Sei *quê*, mas não sei *quando*?” (JANKÉLÉVITCH; BERLOWITZ. 2021, p. 226).

Assim também, na perspectiva jankélévitchiana, pode-se refletir que a morte é um evento inapropriado por não ser previsível. Assim, o filósofo questiona: “A hora [da morte] é incerta?”, e, em seguida, conclui: “Portanto, tudo é incerto, indeterminado, aleatório” (JANKÉLÉVITCH; BERLOWITZ. 2021, p. 226). Denota, assim, que o ser humano nunca está preparado para morrer, pois, a morte apenas acontece.

Portanto, na perspectiva de Jankélévitch, sendo o homem um sujeito não dominador de sua própria morte – porque nem sequer tem conhecimento sobre ela – acaba por conseguir refletir somente sobre a vida. Assim, o filósofo declara que “A vida não nos fala do nada, a vida somente nos fala da vida!” (JANKÉLÉVITCH, 2002, p. 208). À vista disso, parece que o filósofo admite não a reflexão da morte, mas somente a reflexão da vida e do existir (dotada de conteúdo experimentável e, em alguma medida, pensável).

2 O PARADOXO DA MORTE *PRESENTE-AUSENTE* NA VIDA HUMANA DE ACORDO COM O PENSAMENTO FILOSÓFICO JANKÉLÉVITCHIANO

A partir das observações do capítulo anterior, no qual tratamos a temática da cronologia humana – nascimento, desenvolvimento da vida e a morte –, podemos então afirmar que a morte é algo possível a partir do momento em que o *ser humano* existe. Essa reflexão é ainda mais clara quando Jankélévitch indaga: “O que há de mais esperado que a morte?” (JANKÉLÉVITCH; BERLOWITZ, 2021, p. 227).

Surge, assim, um grande paradoxo da morte enquanto presente e, ao mesmo tempo, ausente no transcurso da vida humana. Nesse sentido, Vladimir Jankélévitch faz uma reflexão ao destacar que “na medida em que penso nisso [na morte], não estou dentro, estou fora. Estou dentro enquanto vou morrer, mas enquanto penso na minha morte, não estou dentro, mas estou fora” (JANKÉLÉVITCH, 2017, p. 40). Logo, ainda que esteja presente em questionamentos e ponderações durante a vida do autor (e durante a nossa vida), a morte é ausente na medida em que ainda não é fato.

Mesmo o autor afirmando que a morte é algo súbito, Vladimir Jankélévitch acredita que o homem aguarda a morte no decorrer de sua vida: “[...] podemos dizer que nos preparamos para a morte em cada instante da nossa vida, posto que a morte nunca nos desvencilha por completo da sua misteriosa presença, simultaneamente prevista e imprevisita” (JANKÉLÉVITCH; BERLOWITZ, 2021, p. 226). Certamente, essa contínua espera do homem pela morte é vivenciada de forma natural e espontânea, em alguns momentos inconsciente. Contudo, em contrapartida, não ocorre uma constante espera por esse grande mistério.

Ao conceber a morte como *presente-ausente*, Jankélévitch salienta que, independentemente das circunstâncias que envolvem a vida, a morte sempre se dará em algum momento:

“Um ser vivo está vivo enquanto não estiver morto, e isso até o último segundo”. Ah, sim, é assim, como lhe diria Perogrullo: “Antes de estar morto, ainda tem vida!”. Então, naturalmente, um crente lhe dirá: “Só Deus sabe!” Há uma chance em um milhão, então ninguém vai inventar histórias porque há uma chance diante de Deus! Isso é puro misticismo. Então, penso, sobretudo, que se deve ter cuidado para não misturar ontologia, metafísica, teologia, com um problema concreto do qual depende o sofrimento abominável de um paciente. Mas, evidentemente, existe o problema do temível poder das técnicas, e das técnicas da medicina, que são impotentes contra a morte, mas podem prolongar a vida indefinidamente (JANKÉLÉVITCH, 2017, p. 53-54).⁵

⁵ No original: “*Un ser vivo está vivo en tanto no está muerto, y esto hasta el último segundo*”. Ah, sí, es así, como Perogrullo le diría: “*¡Antes de que esté muerto, todavía tiene vida!*” Entonces, naturalmente un creyente le dirá: “*¡Sólo Dios lo sabe!*” Hay una oportunidad en un millón, ¡entonces nadie va a hacer historias porque haya una

Ao analisar o pensamento de Jankélévitch na citação acima, parece ser possível notar uma crença de que a morte é um acontecimento em um determinado tempo e espaço, e que a vida está presente no aqui e agora. Observa-se, então, que, no pensamento jankélévitchiano, existe a afirmação de que o antecedente da morte é a vida, e o que procede daquela é o nada, mas isso acontece independentemente das interferências divinas ou humanas. E que, mesmo que haja a interferência de algum tipo de técnica para promover a vida, não será possível eliminar a morte do horizonte humano (JANKÉLÉVITCH, 2017, p. 53-54).

Na mesma direção, podemos afirmar que, pelo fato de a morte ser presente, é esperado que exista um conhecimento sobre ela. Ao mesmo tempo, pelo fato de ela ser também ausente no tempo e espaço, não parece possível emitir um juízo sobre ela. Isso ocorre porque a *morte* pertence a outra ordem, a outra “matéria” (equivalente ao absoluto vazio, segundo Jankélévitch) que não é sensível como a nossa. Assim, por ser uma ausência do inteligível (e do experimentável), aplica-se um vazio de conhecimento, sendo possível afirmar, então, que o ser humano não aprende a morrer (JANKÉLÉVITCH; BERLOWITZ, 2021).

Em uma passagem de sua entrevista a Berlowitz, Jankélévitch afirma o limite do conhecimento de um sábio frente à temática da morte:

Ainda se tivesse, a cada dia da sua vida, pensado na morte, acumulado tesouros de graves reflexões, colecionado as máximas e as sentenças dos sábios, o mortal permaneceria tão ignorante, inexperiente e desajeitado quanto um pobre órfão; [...] as circunstâncias da vida que dizem respeito à continuação da vida exigem uma preparação e admitem talvez um aprendizado ou um habituar-se. Por outro, não se aprende a morrer. Não se pode se preparar ao que é absolutamente de outra ordem. Uma preparação sem preparativos: eis o que exige a morte. (JANKÉLÉVITCH; BERLOWITZ, 2020, p. 227).

Considerando que não se aprende a morrer, como mencionado por Vladimir Jankélévitch na citação acima, é entendível que pouco, ou até mesmo nada, se sabe sobre a morte. Isso porque, dentro das ciências, da filosofia ou da reflexão mais habitual do mundo, algo só pode se tornar ciência ou verdade se for fruto de algum grau de experimentação e puder gerar conhecimento. Sendo a morte uma realidade em que o conhecimento é limitante para o ser humano, é impossível certificar que exista uma preparação, no âmbito do conhecimento, para o evento *morrer* (JANKÉLÉVITCH; BERLOWITZ, 2020, p. 227).

posibilidad ante Dios! Eso es mística pura. Entonces, creo sobre todo que hay que tener cuidado de no mezclar la ontología, la metafísica, la teología con un problema concreto del cual dependen los sufrimientos abominables de un paciente. Pero, evidentemente, existe el problema planteado por el poder temible de las técnicas, y de las técnicas la medicina, que no pueden nada contra la muerte, pero que pueden prolongar la vida indefinidamente (JANKÉLÉVITCH, 2017, p. 53-54).

A morte poderia ser alguma coisa? O filósofo assim responde: "A morte é o nada (οὐκ ὄν) que destrói o pensamento, a morte não é o nada (μὴ ὄν)"⁶. Ao afirmar isso, o autor quer deixar claro que não existem respostas concretas referentes à finitude humana, diante do vazio que equivale ao nada absoluto. Assim, pode-se concluir que a morte é um *não-pensamento*. Logo, a morte é alguma coisa, mesmo que seja impossível discorrer sobre ela, pois ao defini-la como *nada*, está se afirmando algo. A morte é uma coisa: o *nada* absoluto (*rien*).

Para que exista um melhor entendimento acerca da impossibilidade de se aprender a morrer, o filósofo compara a preparação do ser humano frente à morte com a situação da cigarra diante dos rigores do inverno, com seu incansável trabalho em coletar mantimentos. Em ambas as situações, há a consciência de uma ameaça para a continuidade da existência. Contudo, enquanto a cigarra é capaz de exercer a previdência diante das intempéries da próxima estação e garantir sua sobrevivência (ao contrário da incauta formiga), o ser humano prevê o evento da morte, mas a sua previdência não o mune de recursos para superá-la. Afinal, como poderíamos nos preparar para o que não conhecemos, para o que não possui qualquer analogia com a experiência presente? Trata-se de uma espécie de "previdência imprevidente" (JANKÉLÉVITCH; BERLOWITZ, 2021, p. 226). De fato, como destaca o filósofo, "só há precauções no que diz respeito à boa saúde e longevidade" (JANKÉLÉVITCH; BERLOWITZ, 2021, p. 227).

Sob o horizonte da metafísica no que concerne ao *mistério*, Jankélévitch (2002) afirma:

Entre o Antes sem mistério, onde está presente o ser que pensaria a morte, mas onde a morte se encontra ausente, e o Depois misterioso onde a morte se encontra toda presente, mas onde não há mais um ser vivo para pensá-la, o instante mortal não seria o Durante capturado no flagrante da ocasião oportuna? (JANKÉLÉVITCH, 1966, p. 197).⁷

Aristóteles, em sua obra *Metafísica*, ao abordar a temática do mistério, afirma que essa dúvida é uma realidade que faz parte do cotidiano. Também, o mistério é uma inteligibilidade, que, em sentido radical, produz, segundo o Estagirita, sugestões e pistas, que nunca se esgotam, porém, nunca são reveladas. Assim, o mistério da morte pode ser visto como uma incessante busca por respostas daquilo que circunda esse *evento* (ARISTÓTELES, METAFÍSICA). Para Jankélévitch, a morte também seria um mistério, pois seria universal e permanentemente

⁶ A língua francesa conta com dois termos para o nada que poderiam remeter à distinção proposta por Schelling a partir do grego. São eles o nada que é zero, vazio absoluto (*rien*) e o nada que resguarda possibilidades (*néant*). Esses termos são utilizados respectivamente no original da passagem citada: "*la mort, c'est le rien (οὐκ ὄν) qui détruit la pensée, la mort n'est pas le néant (μὴ ὄν)*" (JANKÉLÉVITCH, 1966, p. 36).

⁷ No original: "*Entre l'Avant sans mystère où l'être est présent qui penserait la mort, mais d'où la mort est absente, et l'Après mystérieux où la mort est toute présente, mais où il n'y a plus d'être vivant pour la penser, l'instant mortel n'est-il pas le Pendant saisi dans la fragrance de l'occasion opportune?*"

inacessível (um insuperável não-sei-quê) e não um problema cuja solução é detida por poucos (segredo). Contudo, haveria, para o filósofo francês, duas modalidades de mistério: o mistério inefável e o mistério indizível. Neste, como vimos, insere-se a morte, que nada poderia sugerir por sua completa esterilidade.

Nessa comparação com Aristóteles, Vladimir Jankélévitch, em sua obra *La Muerte*, concebe algumas características norteadoras referentes ao mistério morte. Além de idealizar esses atributos, levanta a seguinte reflexão: “Entre o grande dia da vida e a grande noite negra da morte já morta, seria a morte a morrer o faiscar da centelha reveladora, o raio de luz, o relâmpago enfim que é o dia na noite, que é que é um meio-dia instantâneo nas trevas da meia-noite?”⁸ (JANKÉLÉVITCH, 1966, p. 197). O filósofo contemporâneo, após essa questão, pondera que, sendo a morte um mistério inacessível na continuação da vida, não se sabe sobre o *além*, sobre o pós-vida. Assim, não é possível elaborar uma ciência do que acontece com o homem no momento em que ele contempla a morte (JANKÉLÉVITCH, 2002, p. 207). Do instante sem devir que caracteriza o (único) ponto de encontro com a morte, não seríamos capazes de construir uma narrativa que se desenrola necessariamente no tempo.

Por conseguinte, ao afirmar que a morte é um instante inenarrável, Jankélévitch desacredita que seja viável elaborar uma ciência sobre o evento morte:

Lembremos, para começar, por que a filosofia do instante mortal é algo impossível, por que essa impossibilidade tem um sentido totalmente diferente que no aquém [ou seja, no “antes” da morte]. Não é a matéria o que falta à filosofia do aquém, mas esta filosofia deixa completamente de lado a questão; a espessura consistente da empiria e a continuação do intervalo se prestam sem dúvida de bom grado aos nossos relatos, aos nossos discursos e aos nossos raciocínios: ora, não se encontra aí o verbalismo filosófico? (JANKÉLÉVITCH, 1966, p. 197)⁹

Ao observar a busca de uma explicação para o evento morte, Vladimir deixa explícito que, mesmo sendo algo real e presente, a morte se torna ausente por escapar à compreensão e, com isso, não se prestar a um exame. Os estudos de que dispomos sobre o tema são meras conjecturas e carecem de experimentação, coisa que o filósofo não leva em conta. Contudo, mesmo diante de tal ausência de conhecimento, o autor e também nós julgamos ser necessário elaborar reflexões e diálogos, ainda que infundáveis, a respeito da morte.

⁸ No original: “*Entre le grand jour de la vie et la grande nuit noire de la mort déjà morte, la mort mourante serait-elle le clignotement de l’étincelle révélatrice, le rayon de lumière, l’éclair enfin qui est le jour dans la nuit, qui est un midi instantané dans les ténèbres de minuit?*”

⁹ No original: “*Rappelons d’abord pourquoi la philosophie de l’instant mortel est impossible, et pourquoi cette impossibilité a un tout autre sens que dans l’en-deçà. Ce n’est pas la matière qui manque à la philosophie de l’en-deçà; mais cette philosophie est tout entière à côté de la question; l’épaisseur consistante de l’empirie et la continuation de l’intervalle se prêtent sans doute avec complaisance à nos récits, à nos discours et à nos raisonnements; or n’est-ce pas là du verbalisme philosophique?*”

Dessa forma, o paradoxo jankélévitchiano em que a morte é uma realidade presente e, ao mesmo tempo, ausente, sinaliza a dimensão de mistério que envolve o tema, segundo o autor e a própria experiência humana. Esse mistério parece imóvel frente à vida humana, a ponto de que, mesmo com o progresso das ciências e o avanço da cultura, ainda pouco se sabe sobre ele. Dessa forma, Vladimir deixa explícito e talvez cria um novo paradoxo em que, mesmo que haja estudos empíricos, certas compreensões e uma ilusória preparação para uma boa morte, não é possível aprender a morrer, mas, muito pelo contrário, só é possível aprender a viver.

3 A MORTE EM POTÊNCIA NA FILOSOFIA JANKÉLÉVITCHIANA

De antemão, o filósofo Aristóteles, em sua obra denominada *Metafísica*, distingue as noções filosóficas de *ato* e *potência*. Assim, *ato* é caracterizado como aquilo que já está em sua forma perfeita; e *potência*, por sua vez, é aquilo que é imperfeito. Desse modo, o pensamento aristotélico compreende que aquilo que é imperfeito está a todo momento se inclinando até a sua perfeição última, que está atrelada ao ato puro, que nada mais é que o motor imóvel defendido pelo filósofo grego (ARISTÓTELES, 1938).

Ao retomar a ideia já citada neste trabalho sobre a cronologia da vida humana, é possível perceber que o filósofo Vladimir Jankélévitch afirma que esta é, de alguma forma, sombreada pela morte que está prestes a acontecer. É como se o ser humano estivesse predestinado a morrer, pois mesmo “Quando ocorre o nascimento, a morte é um futuro distante” (JANKÉLÉVITCH, 2017, p. 12).

Contudo, existe um certo bloqueio ao tentar encontrar argumentos desse pensamento de morte em potência na vida humana, já que a filosofia jankélévitchiana parte de um pressuposto que o conhecimento prevê algum grau de conteúdo ou contato sensível, o que traz uma insuperável resistência para se compreender a morte plenamente. Assim, “O homem não sabe em que se ocupar e a sua reflexão permanece sem matéria” (JANKÉLÉVITCH; BERLOWITZ, 2021, p. 229), porque, afinal, “a morte não é um objeto como os demais” (JANKÉLÉVITCH, 2002, p. 50) passíveis de experimentação e estudo. Isso porque, na terminologia do filósofo, vale repetir, a morte (em primeira pessoa) é *indizível*. Pouco se sabe sobre ela, logo, não se sabe como e onde estudar, falar, buscar conhecimento sobre esse assunto se não existem eixos fixos (bases sólidas) capazes de nortear o conhecimento.

A notória médica paliativista, Ana Cláudia Quintana Arantes descreve em suas obras as grandes emblemáticas fases da finitude humana. Ela adverte que, dentro da cultura ocidental, é perceptível a descrição do fenômeno morte ainda com a pessoa em vida. E que não são raros os testemunhos em que as pessoas acreditam ter visto “a luz no final do túnel”, ou premonições por meio de visões relacionadas ao seu fim, ou a sensação de que a morte estaria próxima (ARANTES, 2017).

Por outro lado, Jankélévitch não aceita tais descrições de “quase morte” pelo fato de acreditar que as experiências de finitude estejam muito mais ligadas à experimentação de algo próprio à vida do que à *morte* mesma. Ainda que haja maneiras diferentes de vivenciar a morte, o pensador crê que, independentemente das circunstâncias, não existe uma preparação para o

morrer, assim, fica evidente que a vida humana nunca é exclusivamente a vida, pois inclui a presença-ausente da morte em todo o seu percurso (JANKÉLÉVITCH, 2018).

Pelo fato de o ser humano enfrentar a temática da morte à procura de respostas, Jankélévitch compara essa atitude indecifrável “como diante da profundidade superficial do céu noturno: não se sabe o que fazer, e sua reflexão, tanto como sua atenção, não encontra um sentido”. (JANKÉLÉVITCH, 2002, p. 50). Essa afirmação em que não é encontrado um sentido no assunto da morte recai novamente na tentativa de defini-la enquanto ainda é apenas em potência, pois, se a morte já fosse a dimensão em ato, seria impossível conhecê-la perfeitamente, uma vez que o sujeito cognoscente já não estaria presente.

Jankélévitch, ao abordar a morte como ausência e, logo, como vazio, afirma:

O pensamento da morte nunca pensa a morte em profundidade e em todas as suas dimensões, como uma consciência superior que manipula o seu objeto. A morte é, já não no sentido epistemológico, mas, literalmente, o *a priori* do pensamento: isto é, que o pensamento é sempre precedido pela morte; em qualquer momento em que exercitamos o pensamento o *a priori* mortal já está ali, opaco, impenetrável e envolvente; o pensamento, por mais entusiasmado que seja em tentar fazer da morte um objeto, não consegue contê-la e desliza impotente sobre aquele monstruoso *a priori*. (JANKÉLÉVITCH, 2002, p. 50-51).¹⁰

Ao analisar a citação acima, é possível compreender que a morte possui uma dimensão ontológica, em que a sua existência é real, e também cronológica e temporal, já que é existente antes mesmo do seu próprio pensamento. Assim, pelo fato de a morte provir antes do ato de pensar, é impossível estabelecer com exatidão o que ela é, podendo ser classificada como um evento imperfeito (no sentido literal de que não se *perfez*, não se completou efetivamente). Dessa forma, a morte enquanto potência caminha para a sua completa efetivação. Assim, se tentarmos colocá-la como um objeto de investigação, pelo fato de ser potência, ela retoma novamente ao conhecimento *a priori* referente ao pensamento (JANKÉLÉVITCH, 2002, p. 50-51).

Na entrevista com Béatrice Berlowitz (2021), Jankélévitch afirma:

O homem está tão desarmado diante da morte [...]. Para ele não se trata de um mau momento como qualquer outro a se atravessar! A sua indignação, sobretudo, é mais complexa, mais pungente, mais radical: ele ignora quais precauções deveria tomar. Além disso, não há “precauções”: só há precauções no que diz respeito à boa saúde e longevidade. Podemos nos precaver contra essa ou aquela doença, mas no que concerne à morte, ninguém pode nos dar o menor conselho. A morte não é uma

¹⁰ No original: “*El pensamiento de la muerte no piensa jamás la muerte a fondo y en todas sus dimensiones, como debería hacer una conciencia superior que hace malabarismos con su objeto. La muerte es, ya no en el sentido gnoseológico, sino literalmente, el a priori del pensamiento: es decir, que el pensamiento siempre va precedido de la muerte; en cualquier momento en que ejercitemos el pensamiento, el a priori mortal está ya allí, opaco, impenetrable y envolvente; el pensamiento por más entusiasmo que ponga para intentar hacer de la muerte un objeto, no consigue contenerlo, y resbala, impotente, sobre ese monstruoso a priori* (JANKÉLÉVITCH, 2002, p. 50-51).

doença: a morte é, antes, a doença das doenças, a doença dos doentes como a doença dos sadios; e tal doença é, por distinção, incurável (JANKÉLÉVITCH; BERLOWITZ, 2021, p. 226-227).

Analisando a citação anterior presente na obra *Em Algum Lugar do Inacabado*, é possível compreender que as patologias não podem ser caracterizadas como a morte do indivíduo e tampouco o único caminho para a morte. As doenças possuem curas, tratamentos e intervenções médicas, porém a morte, incurável e insuperável, só precisa da vida para se concretizar. A morte não é uma doença para acometer apenas os enfermos, ao contrário, ela é uma realidade presente ao longo de toda e qualquer vida, independentemente de fatores externos e agravantes (JANKÉLÉVITCH; BERLOWITZ, 2021). Prova disso são os acidentes capazes de aniquilar a vida em qualquer fase em que o indivíduo se encontre.

Desse modo, é perceptível que a morte sempre estará em potência, independentemente da saúde dos viventes, mas é coerente afirmar que a morte em *ato* há de vir em algum momento da existência. Assim, pode-se afirmar que a morte está sempre à espreita, não necessita de doenças e tampouco da ação da vontade por parte do ser humano, bastando apenas, para ocorrer, que a vida pulse. Jankélévitch afirma que, além desses agravantes contingentes, a morte é presente até mesmo para aqueles que estudam sobre ela: “Não se aprende a morrer [...] uma preparação sem preparativos: eis o que exige a morte” (JANKÉLÉVITCH; BERLOWITZ, 2021, p. 227).

Seguindo nessa mesma direção, é perceptível que Jankélévitch encontra, dentro da medicina, um ponto de apoio para sustentar seu pensamento sobre a morte. Nesse sentido, ele retoma a figura de seu pai, Samuel Jankélévitch que, além de ser médico, também se interessou pela temática da morte. Samuel Jankélévitch acreditava que o câncer era decorrente de uma célula juvenil que, por conta de algum fator externo (vírus)¹¹, proliferava-se de modo desordenado, desencadeando, assim, uma morte viral, a qual supostamente já estaria de forma prévia no tecido de cada indivíduo. Devido a essa afirmação de Samuel – sobre a qual o filho do médico também passa a refletir posteriormente –, é possível ponderar que a *morte em potência* é real na vida dos pacientes oncológicos (JANKÉLÉVITCH; BERLOWITZ, 2021).

Ao observar a reflexão de Samuel Jankélévitch no parágrafo anterior, seu filho Vladimir prefere não emitir uma opinião pessoal, mas segue a ideia de que, se é possível “contaminar-se” pela morte – como se esta fosse uma espécie de vírus –, a aceitação, por parte dos pacientes oncológicos, tornar-se-ia mais tranquilizadora. De fato, o autor compreende que, para muitos

¹¹ É importante ressaltar que à época em que Samuel Jankélévitch (1869-1951) exercia a medicina, não havia tantas informações sobre o câncer como atualmente. Portanto, para leitores contemporâneos, algumas informações com relação à doença serão, de fato, obsoletas.

pacientes, um mal adquirido é mais bem acolhido quando supostamente proveniente de um fator externo do que quando se considera que a doença é causada por algo já intrínseco àquele indivíduo – como aceitar que as células cancerígenas, já incubadas no organismo do vivente, seriam reproduzidas de forma errônea e desordenada (JANKÉLÉVITCH; BERLOWITZ, 2021).

Mesmo que não pertencesse à área da saúde, Jankélévitch possuía um grande conhecimento sobre o câncer e ponderava de maneira filosófica acerca da doença, motivado em parte, como vimos, pelas hipótese paternas. O filósofo afirma, em uma de suas obras:

Ora, o câncer está escondido no infinitamente pequeno do núcleo celular, e é isso o que torna a luta tão difícil e cega. [...] Sem dúvida, é a própria vida que traz em si a sua contradição interna. Daí todos esses tabus que envolvem a doença da vida, daí a nossa repugnância a pronunciar o seu nome: seria o câncer inconfessável se não fizesse alusão a não sei qual mistério inconfessável da vida? (JANKÉLÉVITCH; BERLOWITZ, 2021, p.244).

Observando a tentativa de explicar o *mistério inconfessável da vida*, Jankélévitch salienta que, mesmo dentro de uma pequena célula cancerígena, lá está uma grande luta que, além de ser difícil de vencer, é cega por não haver respostas sobre como impedir a morte de quem é acometido por esse mal. Assim, algo que é tão sutil revela-se capaz de mudar os desígnios de uma vida inteira, encaminhando a pessoa com câncer para a sua própria morte (JANKÉLÉVITCH; BERLOWITZ, 2021).

Além dessa comparação entre câncer e morte – que parece, de alguma forma, transparecer que todo paciente oncológico está fadado a morrer por consequência da doença –, Jankélévitch afirma que, se o câncer é mesmo um vírus, essa patologia pode ser comparada com quaisquer outros vírus, entre os quais o filósofo cita a *escarlatina*¹² (JANKÉLÉVITCH; BERLOWITZ, 2021). Dessa maneira, é passível de observação que todas as doenças possuem algum tipo de representação social, de modo que, dependendo da maneira como certa doença é contraída ou manifestada, altera-se também o grau de sua aceitação. Nessa linha de raciocínio, é legítimo inferir, reforçando a hipótese deste trabalho, que as doenças mais bem aceitas e

¹² A escarlatina é uma doença infecciosa e contagiosa que costuma ocorrer em crianças em idade escolar, durante a primavera. É transmitida pela mesma bactéria que causa amidalite, artrite, pneumonia, endocardite, impetigo e erisipela. A maioria das pessoas que tem uma infecção de garganta provocada pela bactéria não desenvolve escarlatina. Porém, cerca de 10% são sensíveis às toxinas liberadas por ela e podem desenvolver a doença, que provoca pequenas manchas vermelhas que se misturam na pele. A transmissão ocorre pelo contato direto com a saliva ou a secreção nasal de pessoas doentes ou aquelas que têm a bactéria, mas não apresentam sinais da enfermidade. Esse contato pode ser tanto por gotículas expelidas na tosse ou espirro, como por beijo, objetos compartilhados, como copos ou mãos que tocam partículas contaminadas e foram levadas ao nariz ou boca. O período de incubação pode variar de 1 a 10 dias. Disponível em: <https://bvsmms.saude.gov.br/escarlatina/>

compreendidas seriam justamente aquelas que, tendo uma origem externa, escamoteariam o fato de que a morte se encontra como potência no interior da vida.

Assim sendo, parece evidente que, para Vladimir Jankéklévitch, o ser humano caminha para a sua morte. Não obstante, deve-se levar em consideração que, segundo o autor, as experiências de “quase morte” não estão, necessariamente, relacionadas à morte de fato, mas, sim, à vida. Além disso, por tentarem descrever uma “quase morte”, não atingiriam o núcleo da morte em si, *ipsa*, inalcançável para uma consciência ativa. A partir dessas observações, é possível concluir que a morte em potência é uma constante na rotina do ser humano, uma vez que está latente na própria vida, seja quando está aparentemente distante, seja quando se avizinha à nihilização absoluta como uma espécie de “quase” (JANKÉLÉVITCH; BERLOWITZ, 2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, apresentou-se o pensamento do filósofo Vladimir Jankélévitch sobre a sua concepção do que é a morte. O autor, de forma cética e racional, analisa a morte como um mistério presente na vida humana, que se manifesta por meio de um fenômeno denominado como *morrer*. Ao não concordar com as ideias abstratas da filosofia, e especialmente da metafísica – por não possuir experimentações –, Jankélévitch reconhece que existe um limite em estudar a morte por não haver formas de investigá-la como objeto direto para o pensamento devido à sua absoluta esterilidade. Assim, o filósofo trabalha a temática da morte sabendo das impossibilidades de experiência sobre essa realidade que circunda a vida (JANKÉLÉVITCH, 2002).

Seguindo o posicionamento racional da filosofia jankélévitchiana, é possível acreditar que a reflexão sobre a *morte* sofre inexoravelmente da ausência de conhecimento, e o tema em questão, além de preceder o pensamento, também é o *não-pensamento* – ou o nada (*rien*). E, mesmo sendo impossível encontrar respostas quanto ao que a morte seja, ainda é legítimo questionar: “se a morte não é pensada nem antes, nem durante, nem depois, quando poderemos pensá-la?”¹³ (JANKÉLÉVITCH, 2002, p. 48). Pelo fato de ser impossível estudar o *pós-morte*, o autor reflete que o *durante* e o *antes* também são inúteis para a investigação, visto que o que antecede a morte é a vida. Logo, o campo de estudo é outro e não a morte (JANKÉLÉVITCH, 2002).

Levando em consideração o que foi trabalhado nos capítulos desta monografia, é possível afirmar que, para Jankélévitch, o evento *morte* é algo sempre extrínseco e súbito. De fato, o autor se recusa a acreditar em ideias imaginárias referentes à transposição de um caminho até a morte, mas, ao mesmo tempo, afirma que é necessária uma única tragédia fatal para que a vida não exista mais. Não há caminho para a morte porque não há passagem gradativa (ou qualquer passagem) para ela: em relação à vida, a morte é um “completamente outro”, para o qual não há antegosto ou preparação. Dessa forma, a partir de sua filosofia, é possível compreender a morte como um acontecimento preciso e exato, que ocorre no aqui e no agora (JANKÉLÉVITCH, 2018).

Portanto, o filósofo deixa claro que, além de a morte ser um evento que acontece no presente, ela é, ao mesmo tempo, presente-ausente, Isto é, estamos, vale repetir, dentro da morte

¹³ No original: “Si la muerte no es pensable ni antes, ni durante, ni después, ¿cuándo podremos pensarla?” (JANKÉLÉVITCH, 2002, p.48).

e, simultaneamente, fora dela. Em outras palavras, enquanto há vida, a morte é ausente, porém, quando o vivente contempla a sua finitude, a morte já é presente (JANKÉLÉVITCH, 2017). Além de tal presença consciente, a morte seria, segundo o filósofo, uma espécie de “baixo contínuo” ao longo de toda a vida, capaz de conceder um caráter precário e, cabe completar, encantador para uma existência preciosa, porque finita e irrepetível. Assim, observando a influência do campo da saúde no pensamento *jankélevitchiano*, mesmo que a morte seja um futuro indeterminado, em algum momento ela se tornará em *ato*, independentemente do grau de saúde do ser humano (JANKÉLÉVITCH; BERLOWITZ, 2021).

Finalmente, deseja-se, a partir desta pesquisa, contribuir, por meio da perspectiva jankélevitchiana, para com a reflexão acerca da morte no campo da Filosofia. Espera-se, assim, que outros trabalhos futuros se debruçam sobre esta temática fundamental, misteriosa e inevitável para o ser humano.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Ana Claudia Quintana. *A morte é um dia que vale a pena viver*. Sextante; 2017. São Paulo-SP.

AREDES, Janaína de Souza; FIRMO, Josélia Oliveira Araújo; LEIBING, Annette; GIACOMIN, Karla Cristina. Reflexões sobre um fazer etnográfico no pronto-socorro. Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro - RJ - Brazil. Setembro de 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102-311X00118016>> . Acesso em: 06 de novembro de 2022. GUYTON, A.C. e Hall J.E.– *Tratado de Fisiologia Médica*. Editora Elsevier. 13ª ed., 2017.

ARISTÓTELES. *Metafísica - livros I e II*. Biblioteca Filosófica Atlântida. Volume primeiro. Tradução direta do grego por Vincenzo Cocco. Coimbra-Portugal. 1969.

GUYTON, A.C. e Hall J.E.– *Tratado de Fisiologia Médica*. Editora Elsevier. 13ª ed., 2017.
ARANTES, Ana Claudia Quintana. *A morte é um dia que vale a pena viver*. Sextante; 2017. São Paulo-SP.

JANKÉLEVITCH, Vladimir. *A Música e o Inefável*. Perspectiva; Tradução: Clovis Salgado Gontijo. - 1. ed. - São Paulo. 2018.

___ *LA MUERTE*. PRE-TEXTOS. Traducción y prólogo: Manuel Arranz Lázaro, 2002. Valencia, España.

___ *La Mort*. Champs essais - Flammarion. 1º edição. Paris, France. 1966.

___; BERLOWITZ, Béatrice. *Em Algum Lugar do Inacabado*. Perspectiva. Introdução, tradução e notas: Clovis Salgado Gontijo. São Paulo. 2021. 1º edição.

___; BERLOWITZ, Béatrice. *Quelque part dans l'inachevé*. 1º Edição. Gallimard. 1978 - Paris, France.

___ *PENSAR LA MUERTE*. Tradução de: Horacio Zabaljáuregui. 2017. 1º Edição. Fondo de Cultura Económica. Ciudad de México-México.

MORITURO. *In: Portal da Língua Portuguesa: Instituto de linguística teórica e computacional*, Maio/2023. Disponível em <http://www.portaldalinguaportuguesa.org/advanced.php?action=lemma&lemma=169523>

PLATÃO. *Apologia de Sócrates e Banquete*. São Paulo-Brasil. Martin Claret, 2002.